



Gaiato



Visado pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANOVII—N.º168
PREÇO 150

DOCTRINA

NÃO é sem razão que nós suportamos, em todas as nossas casas, regime de porta aberta. Quanto aos educandos, a prova está à vista; é precisamente por causa da porta aberta, que tão poucos d'elles fogem!

Agora temos os visitantes; d'elles vamos fazer doutrina. Primeiramente note-se a originalidade do caso. Ninguém assim faz. O asilo é a porta fechada. Vai a família em dias e horas marcadas; e há uma visita em cada ano para o público, havendo o cuidado de arranjar tudo, precisamente para que tudo resulte. Porta fechada, d'af as vulgares sindicâncias, que também resultam...

Ora aqui não. Nas nossas casas, por via da porta aberta, é o próprio visitante que faz perguntas e vigia. Há o exame directo e pessoal; o rapaz é perguntado se está contente, se come e o quê e quantas vezes. Se quer ir embora ou prefere estar. Se lhe dão pancada—tudo. E o interrogado fala verdade. Ele tem de falar verdade. Porquê? Simplesmente por se encontrar colocado e a viver em regime de verdade. Ele é aquele mesmo rapaz que ontem, nas ruas, por tudo e por nada, te mentia com quantos dentes tem na boca. Porquê? Porque se encontrava colocado e a viver em regime de mentira. Tinha necessariamente de mentir.

Depois vem o exame às coisas. Há um visitante que repara e avisa a presença de papéis dispersos pelas avenidas e canteiros. Há um visitante que nota nas cabines dos balneários, bocados de sabão perdidos e roupa suja deixada. Parecem inoportunos e metidosos. Não são. São amigos.

O primeiro reparo, remediou-se logo. Hoje andam 3 pequenos na aldeia, de sacco, a apanhar papel. Realmente o papel inundava. Compreende-se. Uma tipografia. Uma guilhotina a cortar papel e a fazer tiras de papel. Papel de cor... Cá fora, 180 rapazes. Lá dentro, uns 14 d'elles..! O papel inundava.

Eu tenho pena de ver os três o papel, e tenho medo que eles relembram o passado... Eles eram do lixo. Andavam o lixo com suas mães. Tenho pena e tenho medo, sim. Tanto, que para me aliviar, já aqui deixo palavra ao Farrapeiro de S. Vicente de Paulo, me dê a Sua morada e quando chegar a ocasião, passarei recado para que venha cá a furgonete. Leva papel. Leva ferro velho. Pagamos a gazolina. Pronto. D'esta sorte, vejo agora com outros olhos os três pequeninos da aldeia, enquanto limpam as nossas ruas. **E Caridade!**

O segundo caso, também se está remediando. O chefe de carpintaria, já está mandando cavacar 24 caixinhas de madeira, para serem colocadas uma em cada cabine. E o chefe de limpeza, foi chamado a contas e apanhou uma ensaboadela, por causa da roupa suja.

As sindicâncias que metem código e tribunal, são a tristeza do público. Estas sindicâncias de porta aberta, são um Bem Nacional. Olhe as ruas cheias de papéis. Olhe o desperdício do sabão e a roupa suja dos balneários. E a gente apruma-se e faz o que pode.

Além d'esta classe de visitante amigo, temos também o Espreitor e temos ainda aquele que não vem cá, para mais facilmente falar do que não conhece... Temos de tudo. E' necessário haver de tudo. A máxima originalidade da Obra assim o pede.

Porta aberta. Visita franca. Todas as horas, são horas de visitar. Os limpos do coração, vêm e ajudam-nos a limpar o que está sujo. São felizes. Causam alegria nas almas; olhe o desperdício do sabão. São amigos dos grandes empreendimentos. Deus os ajude. Os Espreitores não. Esses sujam o que está limpo.

Este sistema de porta aberta, é uma forma saudável e construtiva de interessar o grande público e assim, garantir continuidade. 'As vezes sinto-me cansado. Desejaria afastar e afastar-me. Mas é um mau pensamento. Abrir as portas e ensinar o Mundo. E' mandado do Júlio: Abra os olhos a essa gente, me disse ele, duma vez.



A NOSSA TIPOGRAFIA

A GORA é um modesto chefe de família com 100\$00, que leva nos lábios esta linda oração:

Acabo de ler no «Gaiato» a notícia do rapaz de 15 anos que precisa, para viver, de comer e de podres tiradas dum caixote de lixo; essa notícia feriu profundamente a minha sensibilidade de católico, mas ao mesmo tempo gostei de a ler porque ela constitui um cáustico para a sociedade pseudo-católica de Portugal, cuja consciência é muito parecida com o tal caixote do lixo.

E' para que continue a vergastar os maus católicos e a dar o pão do corpo e da alma aos famintos, que um modesto chefe de família cristã enfileira na procissão da tipografia com a módica quantia de 100\$00.

Erga a sua voz cada vez mais alto porque ela é a voz de Cristo a quem procuramos servir.

Logo a seguir, enfileira outro,

que também vai a rezar:

Ao perder hoje um ordenado suplementar de 500\$00 por mês, resolvi enviar para a Tipografia do «Gaiato» a quantia de 20\$00 pois até hoje não tinha podido enfileirar na Grandiosa Procissão... Ao ter esta infelicidade já pude enfileirar...

O Albertino continua a trazer-me 100\$00 de uma senhora da Rua de Santa Catarina. A Escola Prática de Comércio, de Lisboa, ateimou em não ficar a ver de fora e também enfileira com 170\$00. A Leonilde assina uma formosa carta, em nome das suas colegas; e uma professora, pela Escola, também. E Lisboa. E 500\$00 do Rio. E 500\$00 de Tomar. E algures com 100\$00. E o Porto. E o Alto da Lixa.

Com o d'hoje, já nos deram 345 contos. Quem souber de contas veja quanto falta.



DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Da igreja do Sacramento, no Porto, trouxe a passar de cinco contos. Três dos nossos do Lar, iam por entre o povo, enquanto eu explicava o Evangelho. Eles são mesmo páginas vivas do Evangelho. Mais. Sem obras feitas, não se pode explicar a doutrina de Jesus e se alguém tenta fazê-lo, o público não compreende.

Mais cem da Fonte da Moura. Mais em cumprimento de uma promessa 50\$00. Mais 100\$00 de Lourenço Marques. Era uma nota do Banco de Portugal. Desta vez os cambistas não comeram. Também de Lourenço Marques uma lata cheia de botões de fantasia—para os Batatas se entreterem. Pode ter vindo ou vir ainda quantia mais importante, daquela nossa terra; mais terna não. Alguém de Lisboa dá 50\$00. de uma esmola que recebi; e pede para eu celebrar por alma do benfeitor que acabo de perder. Executado. Não tenha medo. Deus dá outro benfeitor, a seu tempo. Deus é pai. Mais 20\$00

da Avenida 5 d'Outubro. Mais 50\$00.

Mais roupas e coisas do arco da velha, de visitantes, os quais também nos deixam ficar algum do dinheiro que consigo trazem. Mas o que eu mais gosto é de os ver ir à cozinha, tirar o testo da panela e cheirar. E' um gesto carinhoso, familiar, humano. E' o maior elogio que se pode fazer de uma obra desta natureza. Porquê? Por causa do ai que cheira tão bem!

Dir-se-ia que temos rapazes das ruas somente para lhes dar de comer; e já não era pouco, se assim fosse. Mas não. E para um fim mais alto que os agasalhamos. Porém, a mesa posta é o único caminho daquelas alturas.

Se não fosse por parecer mal, eu vinha aqui de novo fazer a campanha da toalha de rosto. E' que estão no fio as que vieram, já lá vão dois anos. Se eu notar uma pintinha de coragem da tua parte, saio com a campanha. Vamos a ver. E mais nada.

O VALOR DUM LIVRO

O NOSSO = JORNAL =

PERGUNTARÃO a sós: ora, mais um. Mais um para a estante. Puro engano. Está consagrado; o «ISTO É A CASA DO GAIATO», está realmente consagrado por natureza. Não será mais um; será o único. Porque? Não é um livro qualquer. O amor que irradia, a vida que o incendeia, a realidade que o caracteriza, a verdade que contém, só isto bastava para estar consagrado.

Todos assim compreendem e nesta plataforma se encontram. Apenas, quem estiver de tal maneira inebriado por falsos preconceitos de origem vária, poderá não atingir a doutrina que o enche, da primeira à última página.

A feliz lembrança do «ISTO É A CASA DO GAIATO» rebentou e fez tais explosões de alegria, em centenas e centenas de assinantes, leitores e nossos amigos por aí além, que será impossível descrever. O «ISTO É A CASA DO GAIATO», será um grande sucesso, se todos se unirem e marcarem a presença nas primeiras filas. É impossível que assim não seja; choramos e rimos, tal a força da doutrina, escrevia pela sua pena o nosso Pai Américo sobre o Lente da Universidade do Porto, que se ofereceu para escolher, nas horas vagas, os episódios de maior projecção. Quantos não choram e riem por esse mundo, quantos? São as cartas de resposta às circulares que nos dizem, que nos apalpa, os corações inundados pelo amor ao semelhante. Não há dúvida, continuarei sempre a apregoar: a nossa Obra é a maior das revoluções pacíficas dos nossos dias. Nestes dias em que o mundo esqueceu a frase de Cristo: amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei. É a Obra da Rua ainda a pregoeira intransigente, do Evangelho vivido, do Evangelho pregado. Amai-vos uns aos outros, sem distinção de raça ou cor. Concórdia, entre os homens de boa vontade. Só desta maneira terminavam os cataclismos sociais que atravessamos.

Já começou a azáfama: composição, impressão, paginação, papel, tudo, tudo o necessário. O ambiente mudou. Tudo é curiosidade para os nossos compositorzitos. Agora, agora... Como é; o que vai; como se faz.

Etc. etc. etc. Curiosidade! As oficinas rejubilam. O primeiro entre os primeiros...

Sofram com paciência a demora. Com paciência. E continuem a responder, sem desfalecimento e com a mesma alma, com a mesma espontaneidade. Respondam todos à chamada e enfileirem já, hoje mesmo, no rol das centenas e daqui a pouco milhares, dos que nos solicitam um dos livros originais, nos anais da literatura portuguesa. Só assim, com tempo, poderemos satisfazer,

POR

JÚLIO MENDES

como desejamos, os nossos amigos. Um simples postal, nem que enuncie, como muitos o têm feito, o número de exemplares, respectivo nome e morada. Isso basta, se não conseguirem um mínimo de tempo para expandirem a vossa alegria! Basta; nada mais. Como quiserem. Estamos no século das velocidades. No século em que o tempo nos foge a passos de gigante e a olhos vistos. Só quem não estiver disposto, não receberá o «ISTO É A CASA DO GAIATO». Nascendo cedo ou tarde, ele baterá à vossa porta, ao vosso emprego, aonde quiserem, da maneira que melhor entenderem. Até por avião, se necessário for...!

Aqui faço uma pausa. Uma pausa para mirar o mapa e ver e rever, com os meus olhos, o nosso Portugal de além-mar; o Brasil onde os portugueses ainda con-

servarão bem nítida, a visita do nosso Pai Américo; pelo mundo que os bravos pioneiros das descobertas conquistaram, e aonde levaram um pouco de civilização, por onde contamos milhares de assinantes. Milhares são eles, os nossos assinantes de Angola, Moçambique, até Macau, passando por Timor e por todas as paragens que mantemos; longínquas da Mãe-Pátria. E o Brasil. Venham os portugueses do Brasil. Venham todos os que lerem esta parte do nosso Fomoso e dêem um passo em frente. E nós lhes enviaremos os exemplares que pedirem. Tudo a propósito do avião! Todos os meios utilizaremos; os que estiverem ao vosso melhor alcance. Chovem os pedidos de todos os quadrantes, que o nosso guarda-chuva tem força bastante para os sustentar. Aguardamos a vossa presença. Consagrado já está; agora depende de ti, caro leitor. Os rapazes da tipografia esperam com ansiedade, porque afinal tudo «ISTO É A CASA DO GAIATO». A vida. O dia a dia de todos nós. Alegrias e tristezas.

AS MINHAS VIAGENS

A primeira foi a Lisboa. Entrei num restaurante a comer qualquer coisa, quando o gerente me vem anunciar que estava tudo liquidado. Feliz de quem isto fez! Deram-me listas de nomes para o nosso livro. Perguntavam-me nas ruas se eu era o tal e mais e mais e mais. Falei a um Ministro, com hora marcada e secretário a chamar e tudo. Falei a outro Ministro com identico cerimonial. Parecendo que não, a nossa obra mexe com a Nação. Como tivesse uma hora minha, tomei um taxi e fui a Belém, ver a exposição das nossas indústrias. Tinha fechado ontem às 18 horas! Andavam vários homens a colocar mesas e mesas e mesas. Perguntei. Logo há um banquete. E sem banquetes não há nada.

Padre Adriano, avisado da minha estada em Lisboa, veio-me buscar à tardinha, no Prefect. O Octávio serviu-nos a ceia, e comeu ao pé de mim, colher na mão, de uma lambarice que a senhora fizera, por meu respeito.

A casa agrícola vai subindo. Lisboa está-se agora explicando. Houve abundancia de trigo. Os campos de milho prometem.

Pedro crómista é também o Maioral e dá conta. Assim como aqui os frangos, no Tojal são patos. O Pedro manda calar os rapazes, e eles calam-se, sim. Mas os patos não. É um inferno de grasnar. São as migalhas.

A segunda foi a Coimbra. Carlos Inácio tinha combinado com os Párocos da Sé e de Santa Cruz e de S. Bartolomeu para ir ali pregar na festa da Rainha Santa, e eu fui: Avelino e Fernando, por

serem naturais de Coimbra, foram também e no Porto, entrou o Amadeu, por devoção. Ele é d'Elvas.

Zé Eduardo e Carlos Inácio, foram os da saca à primeira missa. A's seguintes, juntaram-se os três, como reforço necessário: e tiveram muito e muito que fazer. Andaram de mãos postas em todas as missas, a eloquencia do pregador mai-la generosidade dos ouvintes. Em uma das igrejas colheram-se duas notas de mil. Nem parece que estamos em tempos de sérias dificuldades e máximas apreensões,—nem parece! Foi-se a ver e andou tudo à volta dos doze. Doze continhos!

Um peregrino, que vinha quentinho de Turim, contou-me o que tinha visto na Obra de Cotolengo. Todos os males físicos e morais que afligem a humanidade, têm ali o seu lugar e são tratados com devoção. É uma cidade de gente. E dinheiro? Dia e noite está um ou mais padres na capela a rezar. Eis.

Eram seis e meia da tarde quando chegamos a Paço de Sousa. Os rapazes da Tipografia tinham armado uma ratoeira na sala de entrada, com livros «Pão dos Pobres». Por outro lado, segundo a estimativa dos cicerones, tinham estado para cima de 30 automóveis, sem falar em camionetas. Ora a ratoeira armada mai-los senhores visitantes, causaram uma receita muito considerável. Eles caíram todos, foi a expressão do chefe, ao entregar-me uma pancadaria de notas: Caíram todos!

ERA uma quarta-feira, em Lisboa. Eu tinha sido rogado e aceitei o almoço. Estávamos todos a fazer horas numa varanda que diz para o jardim da casa, Tejo por orla. Nisto aparece um creado de casaco branco, salva de prata na mão. Era o correio. Tinha chegado na maré. Entre as cartas, via-se um exemplar de O Gaiato. Estava em casa de família que lê o famoso. O meu primeiro sentimento foi de vaidade; aquela Família, o creado, a salva de prata, o jardim magnífico, o Tejo soberbo. E o Gaiato. O Gaiato lido e saboreado e comentado. Eu estava. Aquilo é obra do meu punho. Vaidade, sim. Uma pontinha dela. Foi este o meu primeiro sentimento.

O segundo, foi de espanto. Era uma quarta-feira. A expedição daquele número, havia sido feita, de nossa casa para o correio, na sexta feira anterior. De sorte que andou por lá toda a noite de sexta para sábado e todo este dia e o domingo e a segunda e a terça e só chegou a casa de seu dono na quarta-feira ao meio-dia! Chegou sem desculpas nem protestos, como se fosse a coisa mais natural da vida! Os senhores informaram-me que é sempre assim!!

Quando nós começamos com a tipografia e conseqüente expedição do jornal, como este fosse, a tempos de uns 20.000 exemplares, a gente pediu aos Correios do Porto que nos mandassem a Paço de Sousa um funcionário todas as quinzenas. Davamos-lhe cama e mesa e ele ensinava os nossos expedidores. O Porto achou interessante a nossa proposta e respondeu que nos devíamos dirigir a Lisboa. Dirigimos. Esperamos. Esperamos. Esperamos. Veio a resposta; que não. A tampa! Hoje, estamos nos 25.000. Os rapazes conduzem a expedição até à estação dos correios e telégrafos e telefones de Cete, e dali vão os jornais para dentro de sacos, segundo eles me informam. Sacos!

Amanhã serão 50.000 deles. Que ninguém duvide. São os rapazes. É a juventude. O sangue está na mocidade. Não estamos fazendo com ela uma doutrina nem uma força; salvamos e aproveitamos à sombra da Cruz. Maldito seja quem leva os rapazes ou raparigas por outro caminho! Sim; vamos para os 50.000 exemplares. É a próxima expedição do livro, à qual outros se hão-de naturalmente seguir? Teremos o saco? O saco e nada mais? Acho pouco.

Mais. Nós estamos recebendo actualmente à média de 70 cartas e postais, sem falar nos valores selados e nas encomendas. Pois bem. Para dar despacho a toda esta alfândega selada, temos uma estação em Paço de Sousa, que o Júlio classifica de arcaica; aquilo é tudo arcaico.

E se a tivéssemos aqui dentro na aldeia. E se alguém fizesse alguma coisinha por nós, e não nos deixassem a fazer tudo para todos. Nunca tão poucos...

UMA CARTA

ESTA é uma das centenas d'elas que estamos recebendo diariamente, a pedir o livro. Há menino que pede 50. Há muitos de 30 e de 20 e de 10 exemplares. Temos casos de dinheiros adiantados! Não se espera por preços nem sequer ver formato, nem apresentação nem qualidade de papel, nem nada! Uma carta diz assim: **Tudo quanto fôr d'essa marca é bom. Nunca se viu tal. Eu já recomendei ao Júlio que seja justo. Esta palavra basta.**

Bravo, muito bem! E' com todo o entusiasmo que corro para ingressar na primeira fila dos assinantes do livro «Isto é a Casa do Gaiato». Acho esta ideia felicíssima e considero-a um valioso instrumento de propagação da boa doutrina, além de vir a ser, com certeza, um retumbante êxito de livreria, que fará inveja ao mais erudito e conspicuo escritor. Não faz mal que a prosa do seu autor tenha ressaibos de português do interior do Bié; ela tem, fundamentalmente, o raro condão de fazer penetrar raios de luz nas sombras da nossa alma e de derramar sensibilidade cristã nos nossos corações ao contrário de tantos e tantos pseudo mentores das reformas sociais, que só sabem gerar ódios e corromper as multidões.

Como o seu jornal sabe ser a tribuna da verdade e o pulpito do Evangelho! Muito me consolou ver no último numero, entre os vários quadros que são a vergonha da nossa época tão bem reproduzida a dor que também tenho sentido, quando vejo que no nosso lindo Portugal, que se ufana de ser católico e cristão existem chagas sociais que são a negação absoluta dos sentimentos religiosos que dizemos professar! Mais ainda: eu sinto que in-

felizmente, não é só no nosso País, mas sim em todo o Mundo que acolheu e decidiu repercutir através dos séculos, os ecos celestiais do verbo do Redentor, que o nível social, ou melhor, as possibilidades da existência humana; são mais dolorosamente difíceis, degradantes e trágicas! Revela este fenómeno e este inconcebível paradoxo, erro e falsidade da doutrina? De maneira nenhuma, façamos sinceramente o nosso acto de contrição e digamos alto e bom som, que temos sido simplesmente católicos de fachada.

O Padre Américo já traz alguns dos seus filhos nos cursos superiores das universidades? Deus permita que sim e que eles venham a ser autenticos valores sociais e tenham interferencia e voz nos governos da Nação, para serem os verdadeiros chefes da profunda Revolução Social que Cristo quer ver implantada sobre a Terra.

Entretanto, para mim, que vivo exclusivamente do meu modesto emprego e tenho como única aspiração neste Mundo, ver valorizada e enriquecida a reputação moral e científica da minha Filha, o seu jornalzinho será sempre a Bíblia que marcará os passos de Um Pai agradecido.

NOTÍCIAS DO PORTO

ACTIVIDADE DA NOSSA CONFERENCIA

DE novo torno a falar dos nossos pobres. É triste por não termos que lhes dar, pois acabaram-se as esmolas e a generosidade dos nossos amigos... Temos pedido para eles sem conseguirmos alguma coisa. Já sabia que as minhas palavras não valiam nada, mas em prol dos nossos pobrezinhos julguei que tivessem algum valor. Isto quer dizer que, tanto tenho escrito a ver se nos dão alguma coisa para eles e nada nos têm mandado. Não sabia que as minhas palavras valiam tão pouco, e por isso, vou pedir ao Nosso Pai Américo. As palavras dele, essas sim, é que valem alguma coisa. Embora Ele não tenha nada com a nossa Conferência vou-lhe pedir para que escreva alguma coisa. Pode ser que com as palavras suas nos mandem algo do que precisamos. Fomos como de costume visitar os nossos pobres, mas desta vez, sem a consolação da sua esmola. Sim, sua porque eles têm tanto direito a ela como nós de comer e de nos vestir. Sim, essa consolação não a levamos, mas sim a promessa de a

POR **CARLOS VELOSO**

tornarmos a levar... Nós temos confiança em Deus. Ele é que há-de dizer a última palavra. Nós temos confiança nele e por isso Ele nos há-de ajudar. Levamos palavras confortadoras aos nossos pobrezinhos, palavras amigas, mas essas palavras não bastam. É preciso começar a levar mais alguma coisa. Estou como diz o nosso Pai Américo. É preciso começar pela barriça, a não ser assim, nada feito. Foi assim que quando entramos para a Casa do Gaiato, foi assim digo, que nos pregaram a religião, que nos ensinaram a amar a Deus. Pois é assim que nós queremos ensinar os nossos pobres. Eles aguardam a sua esmola e nós a certeza que ela lhe será dada. Confiamos em Deus.

Na última reunião, foi aprovada a entrada de outro pobre. Para já precisamos de um colchão e roupa de cama, pois a cama dele são umas tábuas estendidas no chão.

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR **FERNANDO CID**

No domingo passado veio cá uma excursão da Foz do Douro visitar a Nossa Aldeia eram 4 camionetas cheinhas de gente. Também traziam um grupo de futebol que jogou com a gente à tarde.

Pelo nosso grupo jogou:

Alfredo; Constantino, Jacinto e Sérgio; Amadeu, Luís, Moreira, Malia, Camilo, Gari e Tiro-Liro.

Na primeira parte até aos 20 minutos ainda nos aguentamos o pior foi depois. O Sérgio já tinha jogado num desafio antes do nosso, pelo grupo cá da terra, depois aleijaram-no e ele saiu. Ficámos com 10 homens no terreno. A certa altura o nosso guarda redes teve uma saída em falso e foi o primeiro tento dos visitantes. Atraz deste sofremos mais dois. Minutos depois numa confusão na grande área do adversário um dos defesas meteu mão à bola.

Foi penalty. Marcado este, Amadeu que é especialista com um chute forte bem colocado bateu pela primeira vez o guarda redes adversário. Havia então 3-1, resultado com que terminou a primeira parte. No segundo tempo ainda com 10 homens fomos para o ataque e perdemos várias ocasiões de marcar. Terminando o desafio com o resultado de 3-1 favorável ao União da Foz que foi o nosso adversário.

Da última vez que aqui estive disse ós Senhores leitores que tínhamos uma ninhada de porquitos muito linda. Era verdade.

Mas já não é porque a Mãe porca matou os porquitos quase todos. Isto foi-me contado pelo rapaz que trata deles. Nós também gostamos dos animais. O Cachimbo, nome porque é conhecido cá na Aldeia o rapaz que trata deles vem 3 vezes por dia cá acima à cozinha com um grande panelão dentro dum carro de mão buscar comer prós porquitos. Ele nunca se esquece do fazer. É cuidadoso. Por isso estava triste quando há dias me disse—olha morreram mais dois, foi a porca que os matou.

EU vou contar aos Senhores e mais às Senhoras o que disse um visitante do Brasil que veio num lauto espada à nossa aldeia. Quando o cicerone lhe mostrou o nosso Balneário, ficou de boca aberta e disse: *Sim Senhor! Nem o Vasco da Gama no Brasil tem um balneário tão bom e tão bonito como o vosso.* Assim como este senhor outros têm dito coisas idênticas, porque ficam encantados. Ele é de facto bonito e simples. A gente que o diga quando o Sábado vai tomar banho de chuva numa das 24 cabines que ele tem. Venham cá os senhores e vejam se é verdade ou não o que lhes digo.

NOTÍCIAS DE LISBOA

QUEM SERÁ?—No penúltimo número de «O GAIATO» dizia eu que tinha tirado o Bilhete de Identidade para tirar a carta de "chauffeur", para acarretar os materiais precisos para a Casa. Resolvi ir ter com o Sr. Padre Adriano, pedindo-lhe que me ajudasse, visto eu ter as finanças muito fracas. Dirigi-me a ele da seguinte forma:—Estão os 18 anos à porta, e o Sr. Padre Adriano já sabe o que eu quero dizer... Tem que me ajudar em nome da Casa. Porém, como contava a resposta veio imediatamente:—Não temos dinheiro, contudo faz os teus pedidos em nome da Casa.

A resposta não foi má de todo, visto que por este meio posso conseguir alguma coisa. E' que pode haver alguma generosa alma que se queira encarregar de algumas despesas. Se aparecesse algum padrinho ou madrinha que valesse cem por cento...

TRAGÉDIA—Fala-Barato e Ernesto quando estavam a vender o «Famoso» à porta da Igreja de Fátima, foram presos e levados à esquadra, por um Sr. Polícia que parecia não perceber o que andava a fazer...

Chegaram à esquadra e foram apresentados ao Chefe, que por sorte parecia estar satisfeito. O Sr. Polícia fez a acusação e o Sr. Chefe perguntou aos nossos:—Então vocês não sabiam que é proibido vender diários à porta da Igreja?—Resposta do Fala-Barato já atrapalhado:—

DE **PEDRO JOÃO DE SÁ**

Sr. Chefe, olhe que o jornal é do Sr. Padre Américo, não é nenhum Diário de Notícias, nem a República. Então o Sr. Chefe, tomou nas mãos um jornal e disse:—Porque não dissesse ao polícia que o jornal era do «PADRE»? Os rapazes já estavam fartos de dizer isso mesmo, mas não havia maneira de ele os largar, queria naturalmente subir de posto...

O Sr. Chefe disse ainda mais—Ficam com ordem de vender o jornal do PADRE—«O GAIATO» mas um em cada porta, que era o que eles já faziam. Srs. Chefes de Lisboa! Sigam este exemplo, que foi tal qual contamos.

Pensem nisto: cada rapaz que para cá vier, é um rapaz a menos que têm de aturar.

Poupem-se os Srs. Chefes e diminua-se a miséria.

NO PRELO
Colectanea do
«ISTO É A CASA DO GAIATO»
Pedidos num simples postal à
TIPOGRAFIA DA
CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

ISTO É A CASA DO GAIATO

QUEM ler o futuro livro *Isto é a Casa do Gaiato*, há-de encontrar por muitas vezes, em suas páginas, o *Periquito*. Ele foi o rapaz mais turbulento da aldeia, desde a hora em que chegou. Eu sempre disse bem d'ele e hoje venho aqui fazer o mesmo. Houve uma hora em que ele trocou por Moreira o nome de *Periquito* e é o Moreira que ora enche esta doce página.

Ele é natural da Granja. Trabalha de barbeiro na vila de Espinho. Mora em uma casa muito pequenina com sua mãe e uma filha desta. Sua mãe dá-lhe o café e ao meio dia leva-lhe de comer. Moreira esteve há dias na aldeia. *Venho matar saudades*, disse, e *ver as pombas*. Levou duas. Foi então que ele me contou o seu programa de vida. *Somos três em casa. Uma posta de bacalhau custa cinco mil reis e é nada. Nós somos três*. Ele mais a intrusa. Ele trabalha para o sustento de uma filha que sua mãe foi buscar ao desatino...

Moreira, na sua vida esmagada, está fazendo uma obra estupenda: regenerar a mãe. *Ela trata-me da roupa e leva-me o comer*.

Há dias, tive esta notícia da Granja: *Eu peço para os pobres à saída da capela, na missa dos domingos. Ontem, a primeira que caiu no saco, foi do Moreira*. O turbulento máximo da Casa do Gaiato!

ONTEM era domingo. Tive de ir ao Porto e como estivessem à beirinha do *Morris Zé da Lenha* e *Xancaxé*, mandei entrar os dois. O hora sublime!

Deixei-os no coração da cidade, marquei lugar e hora de partida, dei uma moeda de prata a cada e larguei para a minha vida. A's tantas, estavam eles no lugar que se marcou. Quis saber d'eles o que tinham feito ao dinheiro que lhes dera. Estava ali a evidência. Cada um tinha comprado um cartuxo de biscoitos para os *Batatas*. Eles não lhes são nada. Nem por sangue, nem por vizinhos nem por costumes—nada. Mas amam-se. Que o senhor mundo ponha aqui os olhos e tome a lição que o *Esterco* lhes dá! Tanta coisa que eles poderiam ter comprado para si, tanta! Mas não. *Olhe; é prós Batatas*.

NORBERTO continua a refeiteiro dos grandes. Há dias, serve e senta-se à mesa dos mais graduados. Eu repreendi. Pareceu-me um abuso. *Nós somos todos irmãos*, disse ele. Um tratado de amor fraternal por um mestre analfabeto!

HOUVE aqui uma grande bulha no refeitório geral, entre *Foscoa* chefe de mesa e o *Hélio*, seu subdito. O chefe disse-lhe não sei quê e *Hélio* apresenta-lhe um murro no nariz!

Hélio veio das serras. Na derradeira quinzena, faltou um vendedor; tinha uma creadela. Perguntei ao *Abel* quem havia de ir. O *Hélio*, disse. Mas *Hélio* não conhece o Porto. disse eu.

O *Hélio*, tornou o *Abel*. Foi o *Hélio* e vendeu como nenhum! Quem é para uma coisa é para a outra.

OS senhores querem ler uma do falado *Xancaxé*; querem? Ei-la:

O *China* ou *Chinês* ou *Xancaxé*, que todos estes nomes tem o simpático *Rogério*. O *Rogério*, digo, como todos sabem, cuida da senhora *Júlia*, uma sua *Pobre* que mora a 2 quilómetros da aldeia. Leva-lhe o eite ferve e vai à fonte e limpa a casa e ajeita a cama, tudo com alegria e boas maneiras. Por seu lado, a senhora *Júlia* não tem mais que lhe faça nem que lhe diga; Deus com os anjos!

Mas aqui há dias, como quer que *Rogério* se tivesse demorado, a senhora *Júlia* quis saber e perguntou; *onde estiveste até agora?* *Rogério* não respondeu e nunca mais falou à *Senhora Júlia*, nem mais aceitou nada d'ela! Entrava de manhã, colocava a garrafa de leite na cantareira, tomava a d'ontem vazia e desandava!

O *Senhor Rogério!*

A *Pobre*, um dia, desabafou com alguém. O seu desabafo chegou à aldeia. *Rogério* foi chamado a tribunal e comeu boas.

CÁ ando a tomar injeções. À hora marcada, *Moléstia* manda o seu ajudante por mim e eu vou. Está tudo aparelhado sobre a mesa. Eu também me aparelho. *Vê como não doi nada? Amanhã ainda doi menos!* São estas as palavras com que o meu enfermeiro termina a operação: *amanhã ainda doi menos!* O amor tira a dor.

Moléstia chegou a casa ontem de tratar a sua doente, a qual estava de cama há mais de um ano. Ele topou-a no sobrado, a tentar os primeiros passos. Vinha contentíssimo e não descansou enquanto não repartiu comigo a sua imensa alegria: *a S'teresa já anda!*

E aqui ao pé de mim, toma uma cadeira e demonstra: *ela anda assim apegadinha a um mocho*. *Moléstia* continua a descrever e termina: *são as minhas injeções*.

O Amor cura.

Moléstia gasta-me um ror de dinheiro, quando tem de ir ao Porto com algum dos *Batatas*.

Chega-me a casa com as algibeiras vazias e as mão cheias de brinquedos. Eu ralho. Eu tenho de ralhar. Ele desculpa-se: são eles. *Eles quedam nas montras e não andam sem eu ir dentro comprar*.

O Amor salda.

Conta *Moléstia* que ontem, um dos mais pequeninos, adormeceu no combóio e uma senhora tomou-o no colo e que em *Cete* lho dera com muito custo; *ela não mo queria dar!*

O dos portais! Tem cá outro irmão um nadinha mais crescido, e ambos dormiam nos portais. São ambos das *Eirinhas*.

Por isso há dias tive eu de ir a casa de uns amigos que moram no *Campo 24 de Agosto*. À saída e sem contar, dou de cara com uma enorme multidão de habitantes das *Eirinhas*, em alas. *E' ele*, exclamavam, enquanto eu passo: *é ele*. E eu digo que não. São mas é eles; os dois pequeninos irmãos que dormiam nas valetas das *Eirinhas*. Eles é que são. O Amor convence.

Senhor do Céu, paz! A paz que vem por este amor. A vossa paz.

AQUI, LISBOA!

ESTÃO a terminar os exames e vão passar à disponibilidade alguns dos nossos rapazes, os primeiros que a casa recebeu.

O exame é a primeira etapa na recuperação do lixo da Rua. Por lá não tinham outra escola que não fosse a própria Rua. Depressa se tornaram mestres. E' ouvi-os falar nas malas-artes com que iludiam a madrasta, a polícia e o mundo dos ingénios que lhe davam o tostãozinho. De letras é que quasi todos vêm analfabetos. Muitas energias, passadas e escudos vão gastos neste trabalho de delapidação para eles chegarem ao ponto que chegaram. Parar nesta altura, seria deitar tudo a perder.

Se fôssemos a seguir as normas tradicionais dos internatos, terminava aqui a nossa missão e as nossas dificuldades. O rapaz pegava na troxa e ia correr mundo.

Mas não: temos que amparar até ao fim.

Surge pois um problema novo nesta Casa, o qual as outras por serem mais antigas, lá resolveram.

Um lar. Precisamos dum lar. Para nós, precisar é sinónimo de conseguir, porque não se olha a dificuldades.

Temos de tomar para nós as dificuldades que o rapaz iria encontrar. Algumas, sim terá ele de vencer. Vencer-se a si mesmo para não voltar à antiga vadiagem; equilibrar-se no ambiente desmoralizado da fábrica, do escritório ou do balcão; esquivar-se aos maus encontros da Rua, daquela Rua que foi para ele a desgraça inicial.

Temos de colocá-lo num ambiente tão natural quanto possí-

POR
PADRE ADRIANO

vel. E, o único que satisfaz, por ser o que o Criador instituiu, é o da família.

O Lar vai suprir a falta da família que o Rapaz perdeu, e vai continuar a família que aqui em Casa encontrou.

A primeira dificuldade é encontrar uma casa que reúna os requisitos indispensáveis: ser ampla, central, ter cerca para jogos, e isolamento suficiente para não incomodar nem ser incomodada pela vizinhança.

Mas isto é pedir demais. Já nos contentávamos com o bom se não fosse possível o óptimo.

Muitas vezes tenho dado para encontrar este paraíso perdido. Se os jornais qualquer dia anunciarem que eu fui de encontro a algum poste, saibam que a culpa é dos papelinhos colados nos vidros das janelas.

Precisamos dum lar. Sem ele as Casas do Gaiato seriam becos sem saída. Sem lares as Casas de Assistência do Estado ou particulares, são retortas a fermentar parasitas, para não dizer feras. Antes criar jardins zoológicos que divirtam inofensivamente.

E' para que algum dos vinte e cinco mil leitores do *Gaiato*, na capital, nos oriente que aqui lancamos apelo.

Depois apareceremos a pedir empregos, renda de casa, alimentação, mobília etc. Mas basta a cada dia a sua malícia. Por agora Uma Casa.

ONTEM chego de fora e noto os carpinteiros nas oficinas. Não eram horas. Entrei a ver. Querem saber o que é que eles estavam a fazer? Querem? Punhais de madeira. Na face dum d'eles, lia-se *morte*. Perguntei para que era aquilo. *Vamos prá guerra*, responde um d'eles; o *A'guia* que dá ós foles na oficina de ferreiro. *Vamos prá guerra*. Dantes, no meu tempo, os rapazes também brincavam e faziam brinquedos, conforme o seu estado. Agora não. Agora é o estado e condição de guerras permanentes, que levam os jovens a pensar e a praticar: *Punhais*. *Morte*. A meditação d'este pequenino incidente, é mais importante e tem mais força do que o petróleo da Arábia e o oiuro do Rand e os milhões da América.

Porquanto, se é por amor d'estes interesses que as guerras se fazem, por amor d'aqueles, deviam evitar-se. Por amor dos continuadores da Humanidade. Que podemos nós esperar destes rapazes que aprendem e crescem e formam-se no entusiasmo do sangue, pela difusão e permanência das guerras;—que podemos nós esperar?!

A fruta aqui em casa é muita e muito variada e muito apetecida. Volta e meia, temos *tribunais*. Para os diminuir, nomeou-se um guarda. E' um rapaz que veio há dias de um calaboiço, por salteador de quintais. E' um vigilante de primeira categoria. Se queres a casa guardada, entrega-a a um ladrão. Aos domingos o rapaz pede reforço. Dá-se-lhe um companheiro. Neste que passou, o *Guilhufo* foi o seu companheiro. O do fueiro. O bravo. As tantas vieram chamar-me, que fosse eu ver. Eu fui. Tinham *acaçado* e prendido dois rapazes de fóra, que andavam ou pareciam-lhes que andavam à fruta. *Guilhufo* acusa. Declara que por meu respeito os deixa ir embora. E ameaça: *eu vou à mata cortar um sobreiro pra fazer um marmeleiro!*

Isso é que não. Nem um cientista será capaz de o fazer, quanto mais o *Guilhufo*, aprendiz de carpinteiro